

NOTA CIENTÍFICA

Uma Agenda de Investigação nas Humanidades Azuis: Exploração dos Ambientes Aquáticos e os 4 Oceanos em Épocas Pré-Industrialização

Cristina Brito¹

RESUMO

Como podemos contar uma história humana num mundo mais-do-que-humano? Como se percebem as influências e consequências para pessoas e sociedades do mundo natural e físico que as envolve e do qual dependem para sobreviver, sem esquecer os vários agenciamentos envolvidos e interligados? E como o fazemos no mundo líquido, fluído, azul e profundo dos oceanos e águas costeiras do planeta? A problemática é histórica, mas reflete-se também na atualidade e futuro das sociedades humanas e sua relação e dependência dos ecossistemas e recursos dos mares e oceanos. Nesta nota científica abordo o valor das humanidades para o conhecimento histórico dos oceanos e o seu contributo para aumentar a literacia para os oceanos. Uso o caso de estudo da história natural e exploração de manatins com vista a perceber áreas de distribuição no passado e apresento o projeto interdisciplinar e colaborativo '4-Oceans' e sua agenda de investigação. Para tal, revejo brevemente a história ambiental de manatins e pessoas no Atlântico da época moderna e refiro-me à importância de considerar os seres humanos como agentes ecológicos e outras espécies animais como co-constructores das narrativas históricas.

Palavras-chave: humanidades azuis; história ambiental marinha; idade moderna; oceano Atlântico; extrações marinhas; manatins.

¹ Doutora em História (Universidade Nova de Lisboa). Pesquisadora no CHAM (Centro de Humanidades) e Associada no Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. ORCID: 0000-0001-7895-0784. E-mail: cbrito@fcs.unl.pt

O Antropoceno refere-se à época em que o ser humano se torna um superpoder geológico com impactos determinantes e definitivos sobre o sistema planetário. Tendo o seu ‘pico dourado’ em meados do século XX com a Grande Aceleração, ou considerando o pico ‘Orbis’ na época moderno na sequência das expansões europeias e colonização de territórios e culturas não-europeias, este é definitivamente um novo capítulo na história do Planeta terra assim como na história humana.² O Antropoceno tomou conta dos nossos dias, enquanto indivíduos e enquanto seres que se relacionam com o seu meio envolvente e com o seu passado, e se preocupam com o seu futuro na Terra – de igual forma, um Antropoceno Azul. Sobre este assunto escrevem-se livros,³ publicam-se notícias, faz-se investigação,⁴ debate-se e ensina-se⁵. A produção académica internacional das últimas décadas, associada aos mais recentes acontecimentos globais como as alterações climáticas ou a pandemia de covid-19, começa a despertar na comunidade científica, e também na sociedade civil, a necessidade de refletir e discutir sobre as interações humanas com a natureza (da qual dependemos) e dos impactos negativos históricos dos humanos sobre o mundo não-humano. As humanidades (azuis), enquanto disciplinas científicas e enquanto veículo de comunicação, podem e devem contribuir para este debate.⁶ Nestas, considero que a história tem um papel central já que permite perceber momentos passados de adaptação a mudanças dos sistemas eco-culturais, resiliências e transformações sociais e ecológicas.

Para compreender e responder aos atuais desafios da vida humana na Terra será necessário compreender as narrativas passadas, os momentos de mudança e resiliência, de confronto e de adaptação, e desenvolver paralelamente, ao mesmo ritmo, o conhecimento do *Outro* e a empatia por *Todos*. Os grandes contributos para estas temáticas ambientais têm vindo das ciências naturais e a perspectiva da história

² Ver a obra de referência Lewis SL & Maslin MA. *The human planet. How we created the Anthropocene* (UK: Pelican, Penguin Books. Penguin Random House, 2018).

³ Harari YN. *Sapiens: Uma Breve História da Humanidade* (Harper/Elsinore (14ª edição, 2014). Harari YN. *Homo Deus: História Breve do Amanhã* (Elsinore, 2017). Mentz S. *Break up the Anthropocene* (Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 2019).

⁴ Lewis SL & Maslin MA. *Defining the Anthropocene*. *Nature*, 519 (2015): p. 171-180. 10.1038/nature14258. Kitch SL. *How Can Humanities Interventions Promote Progress in the Environmental Sciences?* *Humanities*, 6, 76 (2017): 1-155. 10.3390/h6040076.

⁵ Ver, por exemplo, ‘Anthropocene Project’ do Rachel Carson Center for Environment and Society (<https://www.carsoncenter.uni-muenchen.de/outreach/past-projects/anthropocene/index.html>), ou ainda o trabalho realizado pela Oslo School of Environmental Humanities (<https://www.hf.uio.no/english/research/strategic-research-areas/oseh/news-and-events/events/lecture-series/>)

⁶ Rose DB, Dooren Tv, Chrulow M, Cooke S, Kearnes M & Gorman EO. *Thinking through the environment, unsettling the humanities*. *Environmental Humanities*, 1 (2012): 1-5. ISSN: 2201-1919. Mentz S. *Ocean* (New York: Bloomsbury Academic, 2020).

humana não tem ainda sido devidamente incorporada. No entanto, as humanidades, enquanto disciplinas científicas e enquanto veículo de comunicação, podem e devem contribuir para este debate. Tradicionalmente de forma cada vez mais interdisciplinar e integradora de várias correntes historiográficas, temos na História Ambiental o grande exemplo.⁷ Mas continua a ser essencial a criação de ferramentas, estratégias e oportunidades para a inclusão das Humanidades Ambientais – história e ambiente, arqueologia, memória e património, filosofia, estudos literários, eco-crítica, artes – enquanto disciplinas de relevância e de impacto científico para acrescentar conhecimento sobre os atuais desafios sociais e ambientais e para a criação de empatia com os outros (humanos e não-humanos).

As Humanidades Ambientais constituem uma abordagem inter- e multidisciplinar abrangendo as ciências sociais e humanas e as ciências naturais, e recorrendo a diversas abordagens metodológicas para dar resposta à atual crise ecológica a partir de perspetivas teóricas, culturais, filosóficas, políticas, sociais e biológicas. Relacionadas com aspetos como a ‘*multi-diversidade*’, a vertente ecológica em estreita relação com a cultural, com os desafios ambientais do passado e do presente, com valores e questões ambientais legais, e ainda com conceções teóricas e artísticas da natureza humana e não-humana, as Humanidades Ambientais visam entender as complexidades das redes materiais que cruzam ecossistemas e biomas, culturas locais e globais, práticas económicas e sociais e, ainda, discursos políticos.

Em Portugal, constituem um campo de investigação emergente cuja consolidação passa, necessariamente, pelo reconhecimento do seu valor e pelo desenvolvimento de ações colaborativas de investigação que permitam aumentar o número de estudantes, de investigadores e de instituições dedicados a esta disciplina.⁸ O impacto entre pares da produção científica nacional, também a nível

⁷ Worster, D. *The Ends of the Earth, Perspectives on Modern Environmental History*. (New York: Cambridge University Press, 1989). Drummond, JA. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. *Estudos Históricos*, 4 (8), (1991): p. 177-197. Winiwarter, V. (ed.). *Environmental History in Europe from 1994 to 2004: Enthusiasm and Consolidation*. *Environment and History* 10, no. 4, 10th Anniversary Issue, (2004): pp. 501-530. Pádua, JA. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*, 24 (68), Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (2010). Brito, C. Pessoas, manatins e o ambiente aquático na América moderna: confluência e divergência nas interações históricas entre humanos e animais. *Revista Brasileira de História de São Paulo*, 30 (81), (2019).

⁸ Brito, C. The Ocean-Object: Views of the Water-World, The Blue Humanities, and the Wet Globalization in Steve Mentz’s *Ocean*, *Anais de História de Além-mar*, XXI, Lisboa-Ponta Delgada, CHAM-Centro de Humidades, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Universidade dos Açores, (2020): p. 397-399. Brito, C & Vieira, N. Uma construção cultural de ser baleia, história ambiental de

internacional, permitirá reforçar o papel conjunto das humanidades e das ciências ambientais para o estudo do ambiente e seus elementos – seres humanos incluídos. Será possível em Portugal, tanto na academia como na sociedade, assumir um papel relevante na investigação, educação, formação avançada e comunicação de ciência sobre temas e questões relacionadas com o passado das interações humanas com o seu ambiente. Acredito, sem dúvida nenhuma, como investigadora, mas principalmente como cidadã, no valor e importância das Humanidades para o Ambiente e para os Oceanos. Talvez desta forma seja possível que crianças, jovens e adultos vejam, sintam e compreendam as conexões e interdependências da nossa existência (humana) com as outras existências (todas). Que não existem em silêncio, mas num diálogo intrincado, em rede.⁹ Da mesma forma, a ecologia não se resume a um conjunto de existências e entidades das quais se exclui a humana.

Assim, assumindo a importância vital dos oceanos e seus recursos para a humanidade, este tipo de abordagem científica permite mobilizar vários setores da sociedade e informar, entre outros, a Década da Ciência do Oceano para o Desenvolvimento Sustentável da ONU¹⁰ e ainda colmatar uma lacuna no conhecimento e na ligação emocional das pessoas com os oceanos. Os resultados do projeto irão influenciar todas as disciplinas científicas (humanas e naturais) relacionadas com o estudo dos oceanos, e irão transformar a literacia global sobre a relação e importância de longo termo do oceano para as sociedades humanas. Este é um contributo fundamental para compreender o passado dos oceanos e o seu legado partilhado entre todos nós, assim como os profundos impactos ainda não devidamente compreendidos da exploração marinha para as sociedades humanas.

MANATINS SOB A LUPA DA HISTÓRIA AMBIENTAL MARINHA

O estudo dos movimentos expansionistas europeus do século XV, dos confrontos e das interações culturais, económicas e ecológicas entre diferentes povos

dois arrojamentos na Lisboa ribeirinha e das pessoas que os observaram e descreveram, *Scaena*, Revista do Museu de Lisboa – Teatro Romano, volume III, Ciclo de palestras “O Rio como Horizonte”, Lisboa, EGEAC, (2020): p. 140-155. Freitas, JG. Making a Case for an Environmental History of Dunes. *Anthropocenes – Human, Inhuman, Posthuman*, 1(1), (2020): 5 p.

⁹ Brito C. A Grande Pausa, ou O Gaio do Outro Lado da Janela. 67 Vozes por Portugal (Lisboa: ISCTE, 2021).

¹⁰<https://pt.unesco.org/news/decada-da-ciencia-oceanica-o-desenvolvimento-sustentavel-e-lancada-oficialmente-hoje-20>

na época moderna, e dos impactos ambientais e culturais do estabelecimento de europeus nas ilhas Atlânticas, em África, nas Américas e em numerosos territórios do Oceano Índico, mostram que o limite do Antropoceno pode recuar no tempo. A historiografia que se produz neste momento, sobre todo o período histórico pré-industrialização, é fundamental para esta compreensão, alicerçada num conhecimento acumulado de muitas décadas e auxiliada pelas novas tecnologias e por metodologias interdisciplinares é possível ir mais além, tentar compreender cada vez mais da história humana no planeta. Poderemos determinar qual o momento na História em que o impacto humano no meio começou a ser irreversível? Podemos, sem dúvida, através da investigação integrada de várias áreas disciplinares, averiguar práticas passadas, contextos e momentos numa perspetiva da história ambiental. Em geral, as humanidades, enquanto disciplinas científicas, centram-se grandemente na forma como os humanos percebem, se articulam e se comportam enquanto espécie. Assim, podem contribuir para compreender causas e consequências de problemas ambientais globais nas suas diferentes escalas temporais.¹¹ É, deste modo, possível a elaboração de narrativas históricas que incluem o ser humano como agente ativo nos processos ecológicos, assim como os elementos naturais como possíveis agentes co-construtores da história.

Em particular, o estudo do passado dos oceanos numa perspetiva da sua História Ambiental é um processo marcadamente global que, no entanto, pode e deve ser analisado a nível local e regional. Os impactos e a importância da história para o conhecimento biológico atual de uma determinada região são muito maiores do que seria possível imaginar num primeiro momento. São variadas as perguntas que se podem fazer neste domínio de inter- e multidisciplinaridade sobre os oceanos e os grandes animais que nele habitam. O estabelecimento e desenvolvimento das relações humanas – as previamente existentes e as que se formaram a partir da época moderna

¹¹ Deloughrey E. Submarine Futures of the Anthropocene. *Comparative Literature*, 69 (1), (2017): p. 32-44. 10.1215/00104124-3794589. Holm P & Brennan R. *Humanities for the Environment 2018 Report*. Holm P & Winiwarter V 2017. *Climate change studies and the human sciences*. *Global and Planetary Change*, 156, (2018): p. 115-122.

- com os sistemas aquáticos e os animais, foi-se desenvolvendo não em total oposição, mas numa ligação próxima entre as pessoas e as outras espécies.¹²

Esta relação está presente nas fontes históricas – documentais, iconográficas e cartográficas – seja em forma de encontro e aquisição de conhecimento, seja de confronto em termos de extração e apropriação física dos animais. Pode igualmente ser interpretada através da materialidade que o passado nos deixa, desde vestígios a artefactos e objetos. No caso dos manatins, também conhecidos por peixe-mulher, vaca-marinha ou peixe-boi, estes são historicamente explorados nas suas áreas de distribuição e usados com múltiplas finalidades. As interações entre humanos e estes grandes herbívoros aquáticos, surgem em todas as sociedades que com eles contactam – sociedades locais e tradicionais em África, sociedades indígenas na América Central e do Sul, sociedades europeias nas regiões geográficas extra-europeias que vêm a ocupar e colonizar na época moderna. Estes animais fazem parte da vida diária, sendo alimento, sendo transformados em objetos (de luta, de quotidiano, de religião), e sendo fixados na mitologia, cultura, e ciência em múltiplos formatos. O resgate destes animais das fontes, permite ainda perceber um pouco sobre os ecossistemas do passado, neste caso uma ocorrência e distribuição geográfica de há, pelo menos, 500 anos atrás.

Para tal, compilei de um conjunto de trabalhos de cronistas europeus que descreveram a história geral e a história natural da América pós-colonização Portuguesa e Castelhana, e também de estudos de revisão recentes. As fontes documentais mais antigas são as obras de António Galvão de 1573 e Gabriel Soares de Sousa de 1587 referentes à caracterização da América colonial, seus povos e recursos potenciais, passando pelas do século XVIII de Alexandre Rodrigues Ferreira e José Bonifácio de Andrada e Silva, até às do final do século XIX sobre a exploração e comércio interno de manatins no Brasil. Grande parte desta revisão encontra-se em publicações anteriores da autora assim como no trabalho de Daryl Domning,¹³ desta

¹² Cabral DC. Into the bowels of tropical earth: leaf-cutting ants and the colonial making of agrarian Brazil. *Journal of Historical Geography*, 50, (2015): p. 92-105. Vieira N & Brito C. Brazilian manatees (re)discovered: Early modern accounts reflecting the overexploitation of aquatic resources and the emergence of conservation concerns. *International Journal of Maritime History*, 29 (3), (2017): p. 513-528.

¹³ Brito, C. Pessoas, manatins e o ambiente aquático na América moderna (2019). Domning, D. Commercial exploitation of manatees *Trichechus* in Brazil, c. 1785-1973. *Biological Conservation*, 22 (1982): p. 101-126.

revisão foi possível obter um total de 52 localizações aproximadas para a presença de manatins na longa cronologia. Tais posições geográficas cartografadas no mapa abaixo, referem-se a ocorrências entre os séculos XVI e XX, e são indicativas de uma área de distribuição histórica muito mais alargada do que no momento presente, particularmente para a região sudeste da América do Sul (Figura 1). Embora não nos seja possível retirar conclusões definitivas, é, no entanto, plausível admitir que os seres humanos e suas sociedades (pré e pós-contacto com os Europeus) devem ser tidos em consideração enquanto elementos ecológicos integrantes dos ambientes e redes tróficas nos quais impactam. Da mesma forma, os outros animais para além dos humanos, devem ser considerados enquanto agentes na construção conjunto das narrativas históricas e na compreensão dos contextos socioculturais dos grupos humanos.

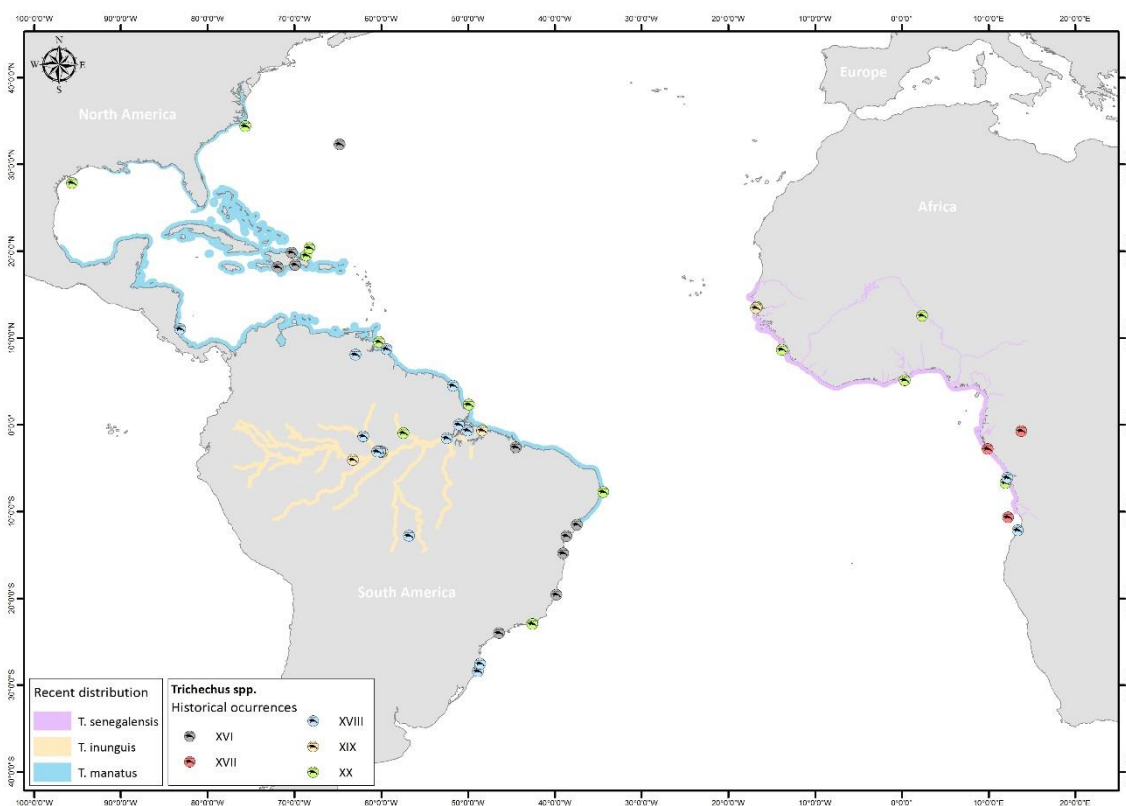
Trabalho futuro deverá seguir este esforço no sentido de obter mais informação quantitativa sobre as extrações de manatins (e outros animais aquáticos de grande porte) no litoral da América Central e do Sul e dos grandes sistemas de águas interiores e costeiras, como a base do Amazonas – informação que deverá ser temporal e geograficamente mais alargada. Para além de uma revisão sistemática da literatura, a colaboração entre colegas de diferentes áreas científicas e de diferentes países, nomeadamente da Península Ibérica e da América Latina e Caribenha será fundamental para um entendimento mais aprofundado e integrado destas temáticas.

Neste contexto, uma história ambiental marinha deve incluir realidades aquáticas – mar aberto e bacias hidrográficas que se estendem pelo interior dos continentes –, contribuindo para uma apreensão e compreensão integrada dos sistemas ecológicos e humanos. Mais, existem elementos monumentais deste tipo de paisagens naturais que atraem as pessoas – ilhas, cascatas, zonas costeiras, mangais e estuários¹⁴ – e que são cruzamentos espaciais que formam pontos de contacto e zonas de aglomeração de histórias e de construção da história. Uma história que, muitas vezes, não deixa suficientes vestígios escritos ou materiais, mas que é possível reconstruir com ajuda de metodologias de diferentes disciplinas científicas: “*we love*

¹⁴ Vadjunec, JM, Schmink M & Greiner AL. New Amazonian geographies: Emerging identities and landscapes. In Vadjunec, J.M & Schmink, M. (Eds.) *New Amazonian geographies: Emerging identities and landscapes* (London and New York: Routledge, 2012).

the ocean, we use the ocean, but we don't think enough about the ocean".¹⁵ Da mesma forma não pensamos o suficiente sobre os manatins, as tartarugas, os tubarões e toda uma miríade de elementos de fauna e flora que habitam estes ecossistemas - ecossistemas e elementos vivos dos quais dependemos e aos quais nos habituámos.

Figura 1. Ocorrência histórica de manatins cartografadas a partir da revisão de fontes históricas sobre as atuais áreas de distribuição das três espécies que ocorrem no Atlântico: *Trichechus senegalensis* (Manatim da África Ocidental), *Trichechus inunguis* (Manatim da Amazônia), *Trichechus manatus* (Manatim das Índias Ocidentais).



Fonte: Mapa de Celso Aleixo Pinto, com investigação da autora.

Para colmatar esta falta ainda patente na historiografia atual, tento fundamentar grande parte dos estudos sobre sociedades humanas e animais dos oceanos, nas direções indicadas por vários autores para a investigação em história ambiental marinha interligada com a história marítima;¹⁶ o espaço Atlântico visto através de uma multiplicidade de atores e de agências interligadas. Esta abordagem

¹⁵ Gillis J & Torma F (eds). Fluid Frontiers: New currents in marine environmental history. (Cambridge: The White Horse Press, 2015).

¹⁶ Bolster WJ. Opportunities in Marine Environmental History. Environmental History 11, (2006): p. 567–97. Canizares-Esguerra J & Benjamin B. Hybrid Atlantics: Future directions for the history of the Atlantic World. History Compass, 11, (2013): p. 597–609. Jones RT. Running into Whales: The History of the North Pacific from below the Waves. American Historical Review 118, (2013): p. 349–77.

permite refletir e realçar narrativas históricas a um nível local, regional, nacional e imperial. Mais, as várias dimensões permitem abordar os contextos locais de uma perspetiva mais alargada e interrelacionada. É possível apresentar e estudar história de um mundo Atlântico visto como um espaço híbrido, enfatizando as contingências locais, as trocas e intercâmbios culturais, as perspetivas indígenas, e o papel dos elementos não-humanos – os objetos, os animais, os ambientes e as ecologias – como verdadeiros atores dessa mesma história.¹⁷

No meu trabalho mais recente, focado nos manatins, tenho tentado abordar as relações e interdependências de pessoas e animais, analisando as motivações humanas para a exploração, as suas perceções e sentimentos como medo, indiferença e empatia, práticas de consumo e de comércio, mas também de produção de conhecimento e construção de práticas científicas e rituais. Nesta abordagem, as perceções e práticas humanas, locais e globais, sobre a natureza e os oceanos, os conceitos de apropriação, exploração e disseminação, de responsabilidade, compreensão e respeito na construção do mundo moderno, na sua proximidade com as realidades não-humanas, estão presentes através de um olhar interdisciplinar. Tem sido meu objetivo tentar contextualizar sistemas ecológicos, geográficos, socioculturais e cosmovisões, como uma rede de sistemas interligados.

OS 4 OCEANOS E OS ELEMENTOS NÃO-HUMANOS NUMA HISTÓRIA HUMANA

Foi, assim, de um processo de investigação individual ainda que colaborativa, focando determinadas espécies animais, determinadas regiões e cronologias, que ajudei a construir uma forma de investigação integrativa e global, trans-cronológica, transcultural e altamente interdisciplinar. Partimos das baleias e dos manatins para um conjunto de grupos taxonómicos dos oceanos; e saímos de uma escala cronológica situada na época moderna, para uma cronologia ainda mais expandida que abarca os dois mil anos prévios à industrialização. Assim, estamos agora perante uma Bolsa em Sinergia do Conselho Europeu de Investigação com uma para desenvolver o projeto ‘4-OCEANS: História Humana da Vida Marinha’.

¹⁷ Canizares-Esguerra J & Benjamin B 2013. Hybrid Atlantics.

Este projeto tem como objetivo compreender a história da vida marinha nos dois milénios anteriores à época industrial (antes de c. 1850) e analisar o papel e importância da vida marinha para as sociedades humanas. Pretendemos abordar extrações regionais e globais, a produção e disseminação de conhecimento e tecnologia, os fatores de influência (culturais e ambientais) e os padrões de consumo dos recursos marinhos em 4 oceanos: o Ártico, o Atlântico, o Índico e o Pacífico. Vamos focar-nos em 10 grupos taxonómicos, desde o bacalhau e o salmão, o atum e tubarões, passando por baleias e morsas (representados na Figura 2), todos alvos importantes da exploração humana ao longo do tempo e com um grande impacto nas sociedades.

O argumento central do projeto '4-OCEANS' é que a exploração dos recursos marinhos desempenhou um papel crucial na história global das sociedades humanas - totalmente subestimado e ainda pouco estudado. Esta é uma lacuna no nosso conhecimento atual sobre os oceanos. Nos últimos dois milénios, anteriores à era industrial, as sociedades divergiram na utilização ou não-utilização do oceano. Por exemplo, vastos concheiros no Brasil revelam um uso indígena extensivo de ecologias costeiras. Em contraste, as primeiras pessoas das Canárias ou de Rapa Nui abandonaram a tecnologia náutica depois de colonizarem as ilhas. A descoberta de John Cabot dos Grandes Bancos de pesca no Atlântico Norte levou os marinheiros na procura de uma imensa riqueza - entre 1550 e 1650 os Europeus extraíram peixe e baleias no valor equivalente às extrações nas minas de prata da América Latina. E a colonização da América do Sul pelos portugueses permitiu a transferência para esta região de práticas baleeiras costeiras da Península Ibérica, no início do século XVI, tornando a caça de baleias e as trocas comerciais dos seus produtos numa prática transoceânica e globalizada. Compreendemos, então, que os oceanos tiveram influência na história humana e, vice-versa, os humanos tiveram um impacto nos ecossistemas e populações marinhas. Mas como, onde, quando, de que forma e com que consequências para as sociedades?

No projeto tentaremos, em primeiro lugar, perceber quando e onde os recursos marinhos se tornaram significativamente importantes para as sociedades

humanas. Para tal, vamos identificar ‘horizontes de eventos marinhos’¹⁸ que envolveram picos rápidos e generalizados de consumo humano e uma consequente ‘aceleração nas extrações marinhas’ (grandes pescarias e eventos de capturas)¹⁹. Acreditamos que estes episódios de picos e acelerações aconteceram globalmente, ao longo do tempo, e são passíveis de ser identificados nas fontes históricas e vestígios arqueológicos. Para tal, usaremos arquivos naturais e humanos e modelação climática e de ecossistemas para identificar que fatores aumentaram ou limitaram a produtividade marinha e a disponibilidade dos recursos, incluindo alterações climáticas de curto e longo termo. Vamos também considerar a influência do custo e procura destes mesmos recursos, incluindo preferências culturais, produção e intercâmbio de conhecimento, mudanças demográficas, conflitos, interações com a agricultura e a exploração de minério, entre outros. Ao considerar tanto as influências humanas como as naturais, será possível explicar como as diferentes trajetórias históricas conduziram à criação de redes globais e alimentaram os principais centros de distribuição mundiais com os produtos de ecossistemas distantes – pretendemos compreender sistemas de globalizações ecológicas: assim como processos de teleconexões oceânicas pré-industrialização.

O projeto irá envolver uma equipa interdisciplinar, de áreas tão diversas como a arqueologia e zooarqueologia, biologia molecular, história ambiental marinha, ecologia histórica, história económica, social e da ciência, geografia e climatologia histórica, e ainda modelação e humanidades digitais. Os resultados serão transformadores para a nossa compreensão sobre a escala e impactos de uma globalização ecológica (no meio marinho) antes da época contemporânea. É um objetivo central produzir um Atlas da Exploração Histórica dos Recursos Marinhos, de acesso aberto, que será relevante para todos os temas académicos que se relacionam com o passado e presente dos oceanos. Este projeto vai contribuir para a literacia do oceano - num mundo que depende destes animais para a subsistência e segurança

¹⁸ Barrett JH, Boessenkool S, Kneale CJ, O’Connell TC & Star B. Ecological globalization, serial depletion and the medieval trade of walrus rostra. *Quaternary Science Reviews*, 229 (2020): 106122.

¹⁹ Holm O, Nicholls J, Hayes PW, Iverson J & Allaire B. Accelerated extractions of North Atlantic cod and herring, 1520-1790. *Fish and Fisheries*, (2021) p. 1-19. <https://doi.org/10.1111/faf.12598>

alimentar - e para reforçar o papel das humanidades para o estudo e conhecimento dos oceanos.

Figura 2. Os dez grupos taxonómicos que irão orientar a investigação no projeto 4-OCEANS: baleias de barbas, vacas marinhas, bacalhau e peixes similares, morsas, focas, lontras, atuns, peixe papagaio e arenques.



Fonte: Retirado de <https://www.ntnu.edu/museum/4-oceans>

Esta investigação permitirá abrir portas e consolidar a história ambiental, em Portugal, enquanto disciplina de referência, e a relevância da interdisciplinaridade nas humanidades para o avanço do conhecimento e da ciência dos oceanos, em geral, e em articulação com os caminhos paralelamente percorridos por outros colegas em diferentes países. Em conjunto, esperamos criar um espaço próprio para as humanidades em prol dos oceanos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus colegas corresponsáveis pelo projeto ERC Synergy 4-Oceans: Human History of Marine Life (Grant Agreement n.º 951649) - Poul Holm,

Fancis Ludlow, James Barrett – pela experiência e trabalho partilhado dos últimos anos, e pelas reflexões e discussões que me tem ajudado a formar as minhas próprias perspetivas sobre como estudar e tentar perceber o passado dos oceanos (<https://www.tcd.ie/tceh/projects/4-oceans/>). Agradeço às minhas colegas da linha de investigação História Ambiental e o Mar, do CHAM Centro de Humanidades da Universidade NOVA de Lisboa – Nina Vieira, Joana Baço, Catarina Garcia, Patrícia Carvalho – pelo constante apoio à investigação conjunta e interdisciplinar no âmbito das humanidades para os oceanos (<https://cham.fcsh.unl.pt/linhas-tematicas-detalle.php?p=875>), assim como aos mais recentes assistentes de investigação da equipa Brígida Baptista, Teresa Lacerda e Jaime Silva.

REFERÊNCIAS

Barrett JH, Boessenkool S, Kneale CJ, O’Connell TC & Star B. Ecological globalization, serial depletion and the medieval trade of walrus rostra. *Quaternary Science Reviews*, 229 (2020): 106122.

Bolster WJ. Opportunities in Marine Environmental History. *Environmental History* 11, (2006): p. 567–97.

Brito C. A Grande Pausa, ou O Gaio do Outro Lado da Janela. 67 Vozes por Portugal (Lisboa: ISCTE, 2021).

Brito, C. The Ocean-Object: Views of the Water-World, The Blue Humanities, and the Wet Globalization in Steve Mentz’s Ocean, *Anais de História de Além-mar*, XXI, Lisboa-Ponta Delgada, CHAM-Centro de Humidades, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Universidade dos Açores, (2020): p. 397-399.

Brito, C. Pessoas, manatins e o ambiente aquático na América moderna: confluência e divergência nas interações históricas entre humanos e animais. *Revista Brasileira de História de São Paulo*, 30 (81), (2019).

Brito, C & Vieira, N. Uma construção cultural de ser baleia, história ambiental de dois arrojamentos na Lisboa ribeirinha e das pessoas que os observaram e descreveram, *Scaena*, Revista do Museu de Lisboa – Teatro Romano, volume III, Ciclo de palestras “O Rio como Horizonte”, Lisboa, EGEAC, (2020): p. 140-155.

Cabral DC. Into the bowels of tropical earth: leaf-cutting ants and the colonial making of agrarian Brazil. *Journal of Historical Geography*, 50, (2015): p. 92-105.

Canizares-Esguerra J & Benjamin B. Hybrid Atlantics: Future directions for the history of the Atlantic World. *History Compass*, 11, (2013): p. 597–609.

Deloughrey E. Submarine Futures of the Anthropocene. *Comparative Literature*, 69 (1), (2017): p. 32–44. [10.1215/00104124-3794589](https://doi.org/10.1215/00104124-3794589).

Domning, D. Commercial exploitation of manatees *Trichechus* in Brazil, c. 1785–1973. *Biological Conservation*, 22 (1982): p. 101–126.

Drummond, JA. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. *Estudos Históricos*, 4 (8), (1991): p. 177–197.

Freitas, JG. Making a Case for an Environmental History of Dunes. *Anthropocenes – Human, Inhuman, Posthuman*, 1(1), (2020): 5 p.

Gillis J & Torma F (eds). *Fluid Frontiers: New currents in marine environmental history*. (Cambridge: The White Horse Press, 2015).

Harari YN. *Sapiens: Uma Breve História da Humanidade* (Harper/Elsinore (14^o edição, 2014).

Harari YN. *Homo Deus: História Breve do Amanhã* (Elsinore, 2017).

Holm P. SDG14 – Exploiting and Managing the Alien and Unseen World below Water. In M. Gutmann & D. Gorman (Eds.), *Before the UN Sustainable Development Goals*. Oxford University Press (2022): pp. 425–447 <https://doi.org/10.1093/oso/9780192848758.003.0015>

Holm P & Brennan R. Humanities for the Environment 2018 Report – Ways to Here, Ways Forward. *Humanities*, 7, 3 (2018): doi.org/10.3390/h7010003

Holm O, Nicholls J, Hayes PW, Ivinson J & Allaire B. Accelerated extractions of North Atlantic cod and herring, 1520–1790. *Fish and Fisheries*, (2021) p. 1–19. <https://doi.org/10.1111/faf.12598>

Holm P & Winiwarter V. Climate change studies and the human sciences. *Global and Planetary Change*, 156, (2017): p. 115–122.

Jones RT. Running into Whales: The History of the North Pacific from below the Waves. *American Historical Review* 118, (2013): p. 349–77.

Kitch SL. How Can Humanities Interventions Promote Progress in the Environmental Sciences? *Humanities*, 6, 76 (2017): 1–155. [10.3390/h6040076](https://doi.org/10.3390/h6040076).

Lewis SL & Maslin MA. Defining the Anthropocene. *Nature*, 519 (2015): p. 171–180. [10.1038/nature14258](https://doi.org/10.1038/nature14258). Kitch SL. How Can Humanities

Lewis SL & Maslin MA. *The human planet. How we created the Anthropocene* (UK: Pelican, Penguin Books. Penguin Random House, 2018).

Ludlow F & McGovern R. A flood history in Europe. *Nature*, 583 (2020): pp. 522-524. <https://www.nature.com/articles/d41586-020-02138-2>

Mentz S. *Break up the Anthropocene* (Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 2019).

Mentz S. *Ocean* (New York: Bloomsburry Academic, 2020).

Pádua, JA. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*, 24 (68), Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (2010).

Rose DB, Dooren Tv, Chrulew M, Cooke S, Kearnes M & Gorman EO. Thinking through the environment, unsettling the humanities. *Environmental Humanities*, 1 (2012): 1-5. ISSN: 2201-1919.

Vadjunec, JM, Schmink M & Greiner AL. New Amazonian geographies: Emerging identities and landscapes. In Vadjunec, J.M & Schmink, M. (Eds.) *New Amazonian geographies: Emerging identities and landscapes* (London and New York: Routledge, 2012).

Vieira N & Brito C. Brazilian manatees (re)discovered: Early modern accounts reflecting the overexploitation of aquatic resources and the emergence of conservation concerns. *International Journal of Maritime History*, 29 (3), (2017): p. 513-528.

Worster, D. *The Ends of the Earth, Perspectives on Modern Environmental History*. (New York: Cambridge University Press, 1989).

Winiwarter, V. (ed.). *Environmental History in Europe from 1994 to 2004: Enthusiasm and Consolidation*. *Environment and History* 10, no. 4, 10th Anniversary Issue, (2004): pp. 501-530.

A Research Agenda in the Blue Humanities: Exploration of Aquatic Environments and the Oceans in Pre-Industrialization Times

ABSTRACT

How can we write a human story in a more-than-human world? How do we perceive the influences and consequences for people and societies of the natural and physical world that surrounds them and on which they depend for survival, not to mention the various involved and interconnected agency? And how do we do this in the liquid, fluid, blue, and deep world of the planet's oceans and coastal waters? The problem is historical, but it is also reflected in the actuality and future of human societies and its relationship and dependence on the ecosystems and resources of the seas and oceans. In this research note, I address the value of the humanities for historical knowledge of the oceans and their contribution to increasing ocean literacy. I use the case study of the history of natural history and exploitation of manatees to understand past knowledge and distribution areas, and I also present the interdisciplinary and collaborative project '4-Oceans' and its research agenda. As such, I briefly review the early modern environmental history of manatees and peoples in the Atlantic and highlight the importance of considering humans as ecological agents and other species of animals as co-constructors of historical narratives.

Keywords: blue humanities; marine environmental history; early modern age; Atlantic ocean; marine extractions; manatees.

Recebido: 04/01/2022

Aprovado: 17/03/2022